
▼ **Deuscão**

Jaime Rocha

Sociedade Portuguesa de Autores

Peça em dois actos que tem como personagens desde o cãobranco e cãonegro à cadeladeluxo. Uma sátira ao mundocão, testemunha cruel, feroz muitas vezes e sempre matreira ao que nos consome e onde nos consumimos, consumindo: informação, imposições, passividades, tudo numa espécie de pronto-a... pronto-a-consumir, pronto-a-aceitar. Dos gritos de que outrora nos orgulhávamos não se fizeram poemas, não nasceram cânticos. São gritos de uma decadência, de uma máscara, de um sarcasmo que delapida a matéria feita de emoções.

«Ouve-se um tambor. Meiocão e Meio-Homem caem de joelhos. Os cãesguardas põem-se em sentido. O Chachorroverde apita. Os cãesanjos correm para ele, dão-lhe uma chucha, voltam para o mesmo sítio. O barulho do tambor pára. O cãobranco surge de rompante em cima da casota. Ao fundo passam dois cãeszarrões com bombas nucleares às costas. Ouvem-se rebentamentos e gritos. O trapézio balança e Cadelabranca atira confeitos. Os cãesanjos e o Cachorroverde apanham-nos.»

Deuscão e Televisor são dois momentos de teatro da vida, de representação de uma realidade sem ilusões, espelho simbólico, mímica grotesca, agitação de Werthers-cães em conflito. Somos assassinados vezes sem conta frente-ao-televisor. Mesmo pelos familiares.
